

**RELATOS SOBRE O ENSINO DE GRAMÁTICA
NO ENSINO FUNDAMENTAL**

Maria Socorro Aparecida Araujo Barbosa (UNIDERP/UEMS)
dhhelp02@gmail.com

Flávia Martins Malaquias (UFMS/UEMS)
flavinha_malaquias@yahoo.com.br

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)
chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca discutir algumas questões contraditórias sobre o ensino de gramática no ensino fundamental e também relatar algumas experiências produtivas nas aulas de língua portuguesa. Ensinar gramática, privilegiando o uso real da língua, ainda não tem sido um trabalho fácil para muitos educadores. Dificuldades e contradições ainda estão presentes nesse ensino, porém essas dificuldades não podem se tornar obstáculos intransponíveis ao professor. Nessa perspectiva, serão discutidas algumas questões contraditórias pertinentes, será abordado o papel do professor diante dessa realidade e expostas algumas experiências bem sucedidas nas aulas de gramática.

Palavras-chave: Ensino de gramática. Ensino fundamental. Língua portuguesa.

1. Introdução

Por diversos anos a gramática tem sido ensinada por pedagogos e professores de língua portuguesa de modo segmentado e descontextualizado, o que vem ocasionando problemas, de uso e compreensão da língua, em todos os anos do ensino fundamental.

As inadequações linguísticas nos textos dos alunos, a falta de conhecimento sobre o emprego da norma culta e a ortografia precária são alguns dos problemas encontrados, além da frustração do educando por se achar incompetente diante da própria língua.

Sabe-se que o ensino de gramática não pode ser algo levado de qualquer jeito, pelo contrário, precisa ser planejado, pois deve levar em conta os usos e os contextos que os indivíduos estão inseridos, ou seja, deve-se ensinar a língua em situações reais de usos. Esse ensino também precisa passar por uma avaliação reflexiva, pois muitas vezes o próprio professor consegue encontrar erros, no que diz respeito ao seu trabalho.

Várias são as razões para que esses problemas ocorram, dentre

elas, o fato de muitos educadores terem se esquecido, ou até mesmo não sabem, como desenvolver um trabalho organizado em torno do uso da língua, já que para muitos educadores, ensinar a gramática de modo contextualizado, ainda não é um trabalho fácil.

O ensino da leitura, da escrita, da oralidade e também o da gramática precisam estar interligados, pois assim, o aluno consegue compreender melhor e ampliar seu conhecimento dos usos da língua de maneira crítica e significativa para sua vida.

Se o ensino da gramática for descontextualizado, ele não criará um ambiente para a interlocução na sala de aula e, portanto, tornar-se-á infrutífero, pois não permitirá que o processo dinâmico, realizado por seus falantes, ocorra.

Os professores que querem e objetivam um aprendizado eficaz, por parte do aluno, entendem que a língua é viva e que precisam ensiná-la por meio de estratégias que privilegiem situações reais de comunicação rompendo com os desafios presentes.

Sendo assim, o presente artigo busca discutir algumas questões contraditórias sobre o ensino de gramática no ensino fundamental e também relatar algumas experiências produtivas nas aulas de língua portuguesa.

Dificuldades e contradições ainda estão presentes nesse ensino, porém essas adversidades não podem se tornar obstáculos intransponíveis ao professor.

Nessa perspectiva, discutiremos sobre algumas questões contraditórias pertinentes, abordaremos sobre o papel do professor diante dessa realidade e exporemos algumas experiências realizadas que foram bem sucedidas nas aulas de gramática.

2. *Questões contraditórias*

Um mito que reina no âmbito escolar é o de que ensinar português para os falantes nativos é uma realidade desafiadora e complicada, visto que muitos conhecem a estrutura usual e as variações do idioma, mas não dominam a norma padrão da língua, e quando sabem um pouco sobre as normas, não conseguem utilizar esses conhecimentos na escrita dos seus textos. Tal realidade não deve ser vista de forma negativa, pois toda pessoa possui conhecimentos práticos riquíssimos sobre a sua língua, como

afirma Antunes (2003):

Quando alguém é capaz de falar uma língua é então capaz de usar, apropriadamente, as regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) dessa língua (além, é claro, de outras de natureza pragmática) na produção de textos interpretáveis e relevantes. Aprender uma língua é, portanto, adquirir, entre outras coisas, o conhecimento das regras de formação dos enunciados dessa língua. Quer dizer, não existe falante sem conhecimento de gramática. (ANTUNES, 2003, p. 85-86).

Essa gramática internalizada deve ser aproveitada pela escola durante a formação de um aluno competente quanto às habilidades da língua, crítico, que saiba ler, escrever, debater e expor seus argumentos.

Nem sempre os alunos sabem o que é um complemento nominal, por exemplo, mas eles conhecem e usam as regras de uso e sabem combinar as palavras em um texto de modo que ele fique compreensível, como define Antunes (2003):

Regras de gramática, como o nome já diz, são normas, são orientações acerca de como usar as unidades da língua, de como combiná-las, para que se produzam determinados efeitos, em enunciados funcionalmente inteligíveis, contextualmente interpretáveis e adequados aos fins pretendidos na interação. (ANTUNES, 2003, p. 86).

Assim, ao vir para a escola, o aluno já sabe utilizar a língua para interagir e essa capacidade foi adquirida por meio de suas experiências comunicativas reais.

Essa capacidade de saber utilizar a língua não pode ser adquirida através de exercícios descontextualizados ou exercícios de repetição, porque estes só pretendem que o aluno aprenda o nome, a classificação, a reconhecer ou identificar as unidades da língua, mas não o habilita compreender o funcionamento da língua e conseqüentemente, utilizá-la de maneira adequada nas diferentes situações de interação.

A língua é muito mais do que regras gramaticais isoladas, para Irlandé Antunes (2007) ela:

[...] é parte de nós mesmos, de nossa identidade cultural, histórica, social. É por meio dela que nos socializamos, que interagimos, que desenvolvemos nosso sentimento de pertencimento a um grupo, a uma comunidade. É a língua que nos faz sentir pertencendo a um espaço. É ela que confirma nossa declaração: Eu sou daqui. Falar, escutar, ler e escrever reafirma, cada vez, nossa condição de gente, de pessoa histórica, situada em um tempo e em um espaço. Além disso, a língua mexe com valores. Mobiliza crenças. Institui e reforça poderes. [...]. (ANTUNES, 2007, p. 22).

E ainda:

[...] uma gramática de regras incondicionalmente rígidas foge a realidade com que a comunicação verbal ocorre e só é possível na descontextualização das frases isoladas e artificiais com que são fabricados os exercícios escolares. Só é possível se nós nos prendermos apenas ao que dizem certos manuais de gramática (por vezes, muito mais fieis a conveniências de mercado) e não levarmos em conta o que, de fato, se diz e se escreve (os letrados, inclusive!) no dia a dia de nossa realidade. (ANTUNES, 2003, p. 91)

É importante ressaltar que os alunos são pessoas letradas e utilizam a língua para se comunicar e interagir no mundo, ou seja, eles sabem a funcionalidade da língua e por isso chegaram onde estão.

3. O papel do professor

Os professores de língua portuguesa sempre encontram diversos desafios a serem vencidos, mas por outro lado todo educador, amante de sua profissão, sempre mantém a chama da esperança acesa.

Várias questões contraditórias são encontradas nas práticas docentes, por exemplo: como ensinar compreensão textual com eficiência? Como formar um aluno leitor e escritor? Mas, principalmente, se tratando do ensino de gramática, muitos discutem se é certo ou errado o ensino de gramática nas aulas de português, para falantes da língua.

Esse último questionamento tem gerado uma falsa questão sobre a relevância do ensino de gramática, pois como bem coloca Antunes: “Portanto, a questão maior não é ensinar ou não ensinar gramática. Por sinal, essa nem é uma questão, uma vez que não se pode falar e nem escrever sem gramática”. (ANTUNES, 2003, p. 88)

Nessa mesma linha de pensamento, lemos nos PCN: [...] “a questão verdadeira é o que, para que e como ensiná-la.” (BRASIL, 1998, p. 28).

Assim, essas questões nos levam a pensar no que temos feito em nossas salas de aula, enquanto professores de português, para equacionar essas questões aparentemente contraditórias?

Na verdade, tratando especificamente do ensino de gramática, a questão não parece ser tão contraditória assim, pois como afirma Antunes: “A questão maior é discernir sobre o objeto de ensino: as regras (mais precisamente as regularidades) de como se usa a língua nos mais variados gêneros de textos orais e escritos”. (ANTUNES, 2006, p. 88)

Ensinar gramática não deve ser fator único e principal das aulas

de língua portuguesa, mas é importante, para o aluno, ter o domínio da norma padrão e saber adequar sua linguagem, oral e escrita, nas diferentes situações comunicativas ao longo de sua vida.

Portanto,

O que deve ser ensinado não responde às imposições de organização clássica de conteúdos na gramática escolar, mas aos aspectos que precisam ser tematizados em função das necessidades apresentadas pelos alunos nas atividades de produção, leitura e escuta de textos. (PCN, 1998, p. 29)

E ainda,

O modo de ensinar, por sua vez, não reproduz a clássica metodologia de definição, classificação e exercitação, mas corresponde a uma prática que parte da reflexão produzida pelos alunos mediante a utilização de uma terminologia simples e se aproxima, progressivamente, pela mediação do professor, do conhecimento gramatical produzido. Isso implica, muitas vezes, chegar a resultados diferentes daqueles obtidos pela gramática tradicional, cuja descrição, em muitos aspectos, não corresponde aos usos atuais da linguagem, o que coloca a necessidade de busca de apoio em outros materiais e fontes. (PCN, 1998, p. 29)

Na escola nós não ensinamos uma nova linguagem, mas contribuimos para a transformação da linguagem que o aluno já traz consigo, por isso, ensinar a gramática não devia nem ser algo questionado, mas a maneira como ensinamos essa gramática é que precisa ser revista.

Cada vez mais, a prática e até estudos comprovam que ensinar a gramática de modo descontextualizado, distante do texto e de práticas reais de uso, não produz uma habilidade discursiva adequada ao aluno.

Ensinando assim, formamos estudantes que sabem as regras gramaticais, porém não conseguem utilizar esses conhecimentos na produção de um discurso oral ou escrito, ou seja, esse modo de ensinar não permite a reflexão e, portanto, não produz as competências e as habilidades que ele precisa.

Diante disso, precisamos saber quais são nossas concepções de linguagem, pois elas determinarão o que e como vamos ensinar, pois segundo Geraldi:

[...] no caso do ensino da língua portuguesa, uma resposta ao “para que” envolve tanto uma concepção de linguagem quando uma postura relativamente à educação. Uma e outra se fazem presentes na articulação metodológica. Por isso são questões prévias. [...] (GERALDI, 2006, p. 41)

Baseando-se na concepção da linguagem como forma de interação, Geraldi (2006) acredita que ela levará a uma postura educacional di-

ferente, já que situa a linguagem como o lugar de constituição de relações sociais, onde os falantes se tornam sujeitos. Ou seja, a interação é o meio pelo qual a aprendizagem ocorre.

Nesse sentido, Geraldi complementa:

Dentro de tal concepção, já é insuficiente fazer uma tipologia entre frases afirmativas, interrogativas, imperativas e optativas a que estamos habituados, seguindo manuais didáticos ou gramáticas escolares. No ensino da língua nessa perspectiva, é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças. (GERALDI, 2006, p. 42)

Precisamos trabalhar com a linguagem posta em ação, necessitamos ter um olhar para o contexto de produção, para os diversos gêneros textuais existentes, para a análise do discurso a ser produzida e ainda para as variedades existentes na língua, como pontua Geraldi:

[...] cabe ao professor de língua portuguesa ter presente que as atividades de ensino deveriam oportunizar aos seus alunos o domínio de outra forma de falar, o dialeto padrão, sem que signifique a depreciação da forma de falar predominante em sua família, em seu grupo social, etc.[...] (GERALDI, 2006, p. 44)

Fazendo assim, dá para trabalhar a gramática sem traumatizar, sem produzir aversão por parte do educando.

Diante disso observa-se que o professor é peça importante nesse processo, pois provém dele as orientações para o ensino e nesse prisma Geraldi diz:

[...] a reflexão sobre o “para quê” de nosso ensino exige que pensemos sobre o próprio fenômeno de que somos professores – no nosso caso a linguagem –, porque tal reflexão, ainda que assistemática, ilumina toda a atuação do professor em sala de aula. (GERALDI, 2006, p. 46).

Por fim, sabemos que aquele professor que é comprometido com sua prática docente busca refletir, se aprimorar e está sempre estudando para melhorar.

Ele entende que há questões que precisam ser investigadas, que os desafios de ensinar as variedades da língua podem ser vencidos e por isso procura conhecer mais, preparando-se para minimizar essas dificuldades na sua sala de aula.

Ele sabe que o seu papel é indicar o “caminho” para o conhecimento, utilizando estratégias que promovam a aprendizagem, mas também motive e resgate o desejo de aprender, valorizando o conhecimento

adquirido pelo aluno ao longo de sua vida, pois, assim conseguirá atingir seus objetivos enquanto professor de língua portuguesa.

4. Breves relatos de algumas atividades bem sucedidas realizadas nas aulas de gramática

4.1. Primeira atividade: Substantivos

Tendo como base os pressupostos citados, a primeira atividade realizada com a turma de 6º ano do ensino fundamental de uma escola municipal de Campo Grande – MS objetivou ensinar os substantivos comuns e próprios e a relação dessa classe de palavra com os adjetivos e artigos. Para iniciar, utilizamos a música “Criança não trabalha” do grupo Palavra Cantada. Nela podemos encontrar diversos substantivos, que de modo geral constituem 90% da canção.

Vimos o vídeo da música, cantamos algumas vezes e só depois foi solicitado para que os alunos observassem e citassem os nomes das coisas que a canção expunha.

Sabendo que os alunos já sabiam a nomenclatura, mas não entendiam claramente a relação dos substantivos com os adjetivos e artigos no texto, explicamos a diferença de cada uma e também ampliamos os conhecimentos sobre os substantivos simples e composto, verificando oralmente cada um e expondo o porquê que autor usou aquelas palavras para compor a canção e a relação delas com outras do texto.

Durante a conversa com os alunos, eles iam apresentando outros exemplos de palavras com aquelas funções, presentes no dia a dia deles, como por exemplo, outras músicas que eles conheciam.

Para finalizar, fizemos a leitura do texto Marcelo, marmelo, martelo de Ruth Rocha e conversamos sobre a importância dos nomes das coisas para uma boa comunicação dentro uma sociedade e a relação dos substantivos dentro do texto.

Ressaltamos também que em uma situação de comunicação formal não podemos utilizar o nome que queremos para nomear as coisas, a língua é um código e precisa ser respeitado, porém explicamos que a criatividade dos falantes pode ser expressa por meio das gírias ou pela criação de novas palavras, utilizadas por um grupo restrito de falantes.

4.2. Segunda atividade: sinais de pontuação

A segunda atividade gramatical foi sobre pontuação. Por meio de anúncios publicitários analisamos qual a importância da pontuação para o texto ser entendido.

Primeiro lemos um anúncio sem nenhuma pontuação, o mesmo parabenizava os motoristas pelo seu dia. Nessa primeira leitura os alunos não compreenderam direito a mensagem do texto.

Depois foi entregue uma cópia do mesmo texto para cada aluno e os mesmos tiveram um tempo para pensar, pesquisar e pontuar o anúncio da maneira que achava coerente, explicando o porquê da escolha dos sinais.

Em seguida, a correção foi feita de modo conjunto e cada aluno ia falando onde e qual ponto deveria ser utilizado. Durante a correção, íamos explanando os usos dos sinais utilizados e conforme iam surgindo outras dúvidas gramaticais elas iam sendo suprimidas.

A gramática foi utilizada apenas quando necessário, como fonte de consulta para os alunos lembrarem os usos das pontuações esquecidos por eles, porém o foco principal das aulas foi a compreensão das regras por meio das interações. As trocas de conhecimento e as análises dos anúncios, feitas pelo professor e pelos alunos, foram contribuindo para a aprendizagem e enriquecendo a compreensão.

Por fim, a produção coletiva de um anúncio, utilizando diferentes sinais de pontuação, sobre um evento que iria acontecer na escola, serviu para colocar em prática os conhecimentos adquiridos e aprimorar a escrita.

5. Considerações finais

Essas duas experiências vivenciadas nas aulas de língua portuguesa serviram como ponta pé inicial na busca de um ensino mais contextualizado da língua e próximo da realidade de uso dos alunos.

Desse modo, concluímos que ensinar gramática requer um preparo minucioso por parte do professor, pois há uma tendência muito forte em se ensinar da maneira tradicional, o que nos faz perder tempo e nos distancia do uso real da língua, assim como defende Antunes (2003, p. 88) “A escola perde muito tempo com questões de mera nomenclatura e

de classificação, enquanto o estudo das regras dos usos da língua em texto fica sem vez, fica sem tempo”.

O ensino de gramática precisa acontecer, pois ele é importante para o raciocínio e para que o aluno aprenda a estruturar a sua língua da forma correta, porém se for de modo descontextualizado esse ensino perde o seu valor.

O aluno precisa entender e saber colocar em prática no seu dia a dia os conceitos gramaticais. Quando esses conceitos são aprendidos de uma maneira distante da usual o estudante não entende e não valoriza esse conhecimento, pois não faz sentido para a sua realidade.

Diante disso concluímos que essas atividades enriqueceram nossas aulas de língua portuguesa, pois aproximou os alunos de situações reflexivas e reais quanto ao uso da língua. Sendo assim, reforçamos a importância da reflexão sobre a prática e a busca por conhecimento específico por parte do professor, pois desse modo, o tempo que passamos com os nossos alunos se transformará em momentos de prazer, transformação e muita aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português – encontro e interação*. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho*. São Paulo: Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. In: _____. (Org.). *O texto na sala de aula: leitura e produção*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006.